

Gerdau pede verdade econômica

17 MAI 1963

JORNAL DA TARDE

Economia - Brasil

O empresário gaúcho é mais um a exigir mudanças urgentes na vida do País

O empresário Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do grupo Gerdau, propôs ontem em Porto Alegre a desindexação total da economia, até na área salarial, e a eliminação de todos os subsídios, para que, "se já chegamos bastante perto da verdade cambial", também seja possível buscar a "verdade econômica", mas "não com fórmulas matemáticas e sim retornando às coisas simples e evidentes", de forma a reordenar a economia do País.

Jorge Gerdau, que foi o orador da reunião-almoço da seção gaúcha da Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil, criticou a má utilização de recursos por parte das estatais, defendeu a renegociação da dívida externa feita para o pagamento dos grandes projetos e apelou para que, tanto na economia como na política, se evolua para um sistema liberal que privilegie o centro e acabe conduzindo o País ao parlamentarismo. Advertiu que, se não houver rapidamente o ordenamento que está propondo, "a desordem na economia chegará a um ponto tal que também acabará levando a desordens sociais".

O preço da demagogia

Com a abertura, disse Gerdau, "é evidente que inicialmente se fará demagogia maior e o preço da demagogia custa a ser pago, mas talvez nos próximos anos vamos apreender a distinguir quem é que propõe corretamente ou não". Afirmou então que "um país como o nosso não terá solução a não ser parlamentarista".

Manifestou-se ainda contrário a eleições diretas, dizendo temer que ocorra o mesmo que no Chile, na época de Salvador Allende (deposto pelo golpe militar), que "representava apenas uma minoria". Acrescentou:

— Quando se fala em eleições diretas, sempre falo: vamos ver o segundo turno, não se pode ter um presidente representando apenas uma minoria e por isso não gosto de eleições diretas, mas, se tivermos que ter, acho que devemos buscar o segundo turno.

Defendeu que, tendo-se a extrema esquerda e a extrema direita, "deve-se fazer a busca do centro" e, com esse objetivo, defendeu o "conceito liberal" aplicado à economia e à política, chegando a defender as teses de Afonso Arinos e José Guilherme Merquior, formuladas nesse sentido.

De outro lado, quando defendeu a "verdade econômica" e a retirada imediata de todos os subsídios, chegou a citar "o típico caos em que vive o sistema BNH". Gerdau entende que a amortização dos empréstimos do BNH deve estar vinculada, por exemplo, ao custo do metro quadrado da construção, para que, se o banco financiar a compra de determinado número de metros quadrados, receba, no ato de encerramento do contrato, o correspondente ao preço do mes-

lela italiana possa funcionar". O Brasil "não tem nada de política monetarista, mas de antimonetarismo, pois monetarismo implica uma certa ordem monetária e o que nós temos é uma desordem monetária".

— Não tem mais gradualismo. A solução é acabar com indexação em todos os campos. Ninguém consegue mais dominar a situação através da extrapolação matemática, com índices de inflação de 8,9 e 10%. A confusão é geral e estamos

em situação tal que não há mais condições de se conviver com índices inflacionários desse nível. Se continuarmos nesse ritmo poderemos ir rapidamente aos 150 ou 200%.

Ocorre, advertiu Gerdau, "que

o bolo acabou. Não tem mais de onde se tirar. O operário, o agricultor, o empresário estão perdendo, ninguém está ganhando. Talvez só o sistema financeiro ainda esteja ganhando alguma coisa, mas acho que também já deve ter tido algu-

mas noites de insônia. Toda vez que se buscar agora um novo subsídio, estaremos tirando de nós mesmos".

Ao entrar-se na "verdade econômica", disse ainda Gerdau, aos empresários gaúchos, "vamos ter conflito por alguns meses, vai ser doloroso por algum tempo, mas tenho a convicção de que, pela capacidade que este país tem, rapidamente entrará num desenvolvimento construtivo e continuado". Gerdau entende que os subsídios são limitadores da atividade econômica, na medida em que não beneficiam a todos:

— Alguém mais planta uma árvore neste país sem Fiset se tem um vizinho que planta com Fiset?

Gerdau conclamou os empresários e a comunidade em geral a pressionar o governo a adotar a "verdade econômica" como solução segura para a crise, com "medidas inteiramente saneadoras", com a "coragem necessária". Considerou importante que os empresários tomem essa iniciativa, pois "não são os tecnocratas que vão acreditar nisso, com essa máquina que mata as economias capitalistas e que também está matando as economias socialistas".

— Se analisarmos o modo como as autarquias aplicam recursos como o Fiset, Finor, qual é a taxa de retorno que se calcula? Talvez muitos tecnocratas nem consigam avaliar isso. Vejam o que significa a mentalidade socializante gerando poupança. Tem de ser gerida com visão de retorno. Se os fundos fossem geridos pelos bancos privados, pondo eles também um pouco de recursos próprios, o capital dobraria em cinco a seis anos e o emprego consequentemente.

O empresário chegou a culpar os "investimentos errados" pelos elevados índices de desemprego do momento:

— Se as aplicações tivessem critérios não tecnocráticos, mas levando em conta a poupança, talvez não tivéssemos um índice de desemprego como temos hoje. Só o investimento correto gera emprego, trabalho, não emprego em repartição pública mas emprego mesmo.

O presidente do grupo Gerdau criticou também o atrelamento da correção monetária à variação cambial, considerado por ele "um absurdo".

Entrevista

Em entrevista, Gerdau ainda manifestou-se contrário a uma "moratória ampla", embora tenha defendido o refinanciamento dos grandes projetos, em termos que entende já deveriam ter sido utilizados no financiamento, pois os empréstimos para executá-los "não poderiam ter sido tomados com juros especulativos" de até 20% ao ano, mas sim em condições especiais de 2, 3 ou até 4% em 20 anos, fora das condições do mercado flutuante.

Pode-se pagar Itaipu com juros de 20%? Isso é uma loucura. Também sugeriu que se procure "algum tipo de participação acionária dos banqueiros internacionais" nesses projetos. Do total da dívida do País, acha que metade poderia ser renegociada para se enquadrar nessas condições especiais.

Em relação à política salarial também defendeu a desindexação, para que possa haver negociações diretas entre as partes e criticou a intenção de dar-se estabilidade com o que, em sua opinião, se quebra a relação de confiabilidade, indispensável para o aumento da produtividade.

mo número de metros quadrados na liquidação, defendendo a utilização do mesmo critério em outras situações, de modo a que, efetivamente, o País possa ter a sua "verdade econômica".

A "busca de realidades e verdades" na economia é, segundo ele, a solução para a crise. "As intervenções, o planejamento central e a mentalidade estatizante levaram ao caos a à desorganização." Adiantou que "estamos distorcendo a situação de tal forma, que vamos chegando a um quadro tal que talvez só a economia para-